Contra Impugnantes

Espaço destinado a combater a insidiosa e multiforme cultura liberal, que tem entre as suas raízes mais daninhas: uma falaciosa noção de liberdade humana; a idolatria — implícita ou explícita — da consciência individual; a separação entre natureza e moral; a contraposição entre Estado e indivíduo; a dissolução da Religião em categorias morais sem fundamento metafísico; a perda da noção de bem comum político.

quinta-feira, 2 de fevereiro de 2012

A metafísica contra a teoria da evolução (I)

Sidney Silveira

Para demonstrar efetivamente que as espécies *evoluem*, seria antes necessário comprovar que os entes podem operar para além das potências radicadas em suas formas, alterando assim o que os distingue na ordem do ser como circunscritos a uma espécie. Sem isto, a teoria da evolução — no tópico em que propõe a passagem "evolutiva" de uma espécie a outra — naufraga como quimera com ares de ciência.

Antes porém de passar à indagação acerca da possibilidade de uma espécie transmudar-se em outra, seja por razões endógenas, exógenas ou, ainda, pela combinação de ambas, como numa mescla acidental entre elementos primários, vale repisar alguns conceitos.

Vimos que *potência* é um possível no Ser, ou, noutra formulação, o Próprio Ser — que é Deus, cuja existência está metafisicamente comprovada — é a raiz primária de todas as potências, o horizonte possibilitante dos entes, quanto ao ser e quanto ao operar. Em resumo, sem o *Ipsum Esse* nada poderia haver nem atuar. E mais, como Ele é o único Ente Necessário, é forçoso admitir que todos os demais são partícipes d'Ele, na medida em que **participar uma perfeição na ordem do ser é, em sentido estrito, *causar***, e, sendo o Próprio Ser a causa das causas, todos os entes estão radicados n'Ele, visto que suas perfeições entitativas específicas foram *participadas*.**[1]**

Explicar o conceito de causalidade a partir da noção de participação não é, no caso de Tomás de Aquino, simplesmente aplicar terminologia platônica à teoria aristotélica das causas**[2]**, mas enfatizar um determinado aspecto da relação entre causa e efeito: o efeito possui *semelhança* com a causa, na medida em que participa da mesma qualidade dela, e *diferença*, na medida em que está na posse daquela qualidade num grau inferior e/ou acidental. Disto se depreende que o conceito de participação na obra do Aquinate é essencialmente analógico, como sublinha o Pe. Battista Mondin em seu *Dizionario Enciclopedico del Pensiero de San Tommaso*. Veremos, adiante, como essa participação — decorrente do ato criador de Deus — é fundamento da distinção entre as espécies.

Neste breve texto não se encontrarão argumentos da química ou da biologia, como os arrolados por Michael Behe em seu estupendo *A Caixa Preta de Darwin*, cuja conclusão é cabal, apodíctica: **a complexidade das estruturas em nível bioquímico é irredutível, ou seja, não pode**

AJUDE O TRABALHO DO C.I.

Doar

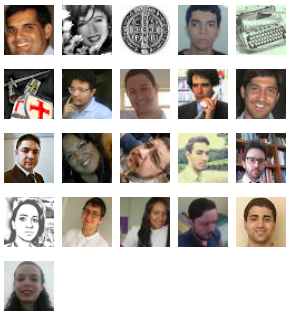
Doar com pagseguro
Sua compra protegida

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
AG: 0174,
OP. 013,
CONTA: 44234-7

VISITE O NOSSO SITE
C.I.

Seguidores

Seguidores (669) Próxima



Seguir

Arquivo do blog

- ► 2017 (3)
- ► 2016 (25)
- ► 2015 (80)
- ► 2014 (149)
- ► 2013 (117)
- ▼ 2012 (156)
  - ► Dezembro (16)
  - ► Novembro (11)
  - ► Outubro (9)
  - ► Setembro (25)
  - ► Agosto (13)

ser explicada como resultado da evolução a partir da seleção natural, mas sim como projeto concebido por uma poderosa inteligência; portanto, como *design inteligente*. Aqui se encontrarão apenas argumentos metafísicos para mostrar que é impossível aos entes transcender às possibilidades que radicam:

a) *proximamente* nas suas formas, e

b) *distantemente* no Ser.

A FORMA COMO PRINCÍPIO DE OPERAÇÃO

Nos entes compostos de matéria e forma, a forma é o ato primeiro de organização da matéria, sendo a operação o seu ato segundo.**[3]** Portanto, **um ente sem forma seria — além de absurdo e inconcebível —, tão inoperante quanto a *materia prima*.** É a forma que, organizando a matéria,**[4]** dá ao ente os princípios pelos quais atua. Neste contexto, cumpre salientar a absoluta harmonia entre matéria e forma em ordem à operação própria de um ente, assinalando o seguinte: uma matéria que, em dado indivíduo, não fosse predisponente às operações próprias da espécie indicaria nele o começo da corrupção da forma. Por exemplo: num hipotético homem privado das potências sensitivas partícipes da espécie, a cognição se comprometeria, na medida em que é próprio do homem chegar aos inteligíveis (universais) pelos sensíveis (particulares) abstraídos da matéria pelas referidas potências sensitivas.

Reiteremos, pois, este princípio com outras palavras — a mero título de procedimento mnemônico: **em todas as espécies em que há composição de matéria e forma, é necessário que a matéria esteja perfeitamente predisposta às operações que radicam na forma**, pois, se não estiver, tornar-se-á um obstáculo às operações naturais próprias da espécie, indicando o começo da corrupção da forma, que é princípio de operação e, como veremos, também de especificação.

Por sua vez, **a matéria é o que, *em sentido lato*, está em potência tanto para o ser substancial como para o ser acidental**. À primeira chamará Santo Tomás matéria "a partir da qual" (*materia ex qua*), à segunda, "matéria na qual" (*materia in qua*).**[5]** A propósito, a matéria *ex qua* é um dos coprincípios da natureza, sendo os outros dois a forma e a privação. Mas, com relação a esta última, esclareçamos o modo como ela pode ser dita "princípio", que é o seguinte: para haver geração, requerem-se três coisas — o ente em potência (matéria); o não estar em ato (privação); e aquilo pelo qual o ente é atual (forma).**[6]** O exemplo dado pelo Aquinate nesta passagem do opúsculo *De Principiis Naturae* é bastante esclarecedor:

"(...) Quando, a partir do cobre, é feita uma estátua,**[7]** o cobre (que está em potência para a estátua) é *matéria*; que esse cobre esteja desfigurado, indisposto [ou seja: sem forma], é *privação*; e a figura pela qual ele é chamado "estátua" é *forma*".**[8]**

Retenhamos bem isto: **em todos os entes naturais** (assim como nos artificiais)**, os coprincípios são forma, matéria e privação**, sendo estes dois últimos meramente potenciais, ao passo que a forma é o ato que os distingue e, também, demarca os limites de seu modo de operar na ordem do ser. Neste contexto, o axioma escolástico *operatio sequitur esse* deve ser assim entendido: nos entes, o operar segue o ser *por intermédio da forma*. Ela é, como se pode depreender, o princípio próximo da operação, ao passo que o ser é um princípio universal que está virtualmente presente em todas

► Julho (16)
► Junho (17)
► Maio (11)
► Abril (2)
► Março (8)
▼ Fevereiro (13)
Adoro te Devote — o hino eucarístico de Santo Tomá...
A conversão e seus frutos
A metafísica contra a teoria da evolução (VII): ai...
"Santo Tomás de Aquino: a Cidade em Ordem a Cristo...
O que ninguém vai lhe contar sobre o comunismo: a ...
A metafísica contra a teoria da evolução (VI): a n...
A metafísica contra a teoria da evolução (V): a cr...
Em breve, a Suma Teológica comentada (questão por ...
O fanático e a filosofia
A metafísica contra a teoria da evolução (IV): a d...
A metafísica contra a teoria da evolução (III): in...
A metafísica contra a teoria da evolução (II): res...
A metafísica contra a teoria da evolução (I)
► Janeiro (15)
► 2011 (198)
► 2010 (174)
► 2009 (225)
► 2008 (164)

Google

as formas. Mas o ser — em sentido estrito — não pode ser manipulado, alterado, anquilado ou criado senão por Deus, que o participa aos entes por um ato criador.

Nós, pobres mortais dotados de potências intelectivas ínfimas, somos capazes de atuar tão-somente sobre a forma e sobre a matéria dos entes, mas o ser é o suposto fundamental absolutamente inalcançável pela mão humana — ou mesmo pelos Anjos, cuja inteligência é incomensuravelmente superior.

Nunca ninguém tocou o ser, mas apenas a forma e a matéria dos entes.

Feitos estes apontamentos, fica, portanto, estabelecido o sentido em que se diz que a forma é *princípio de operação*. Sem ela, a matéria é inerte.

A FORMA COMO PRINCÍPIO DE ESPECIFICAÇÃO

Outra característica da forma é ser *princípio de especificação*. E isto por uma razão muito simples: **é pela forma que um ente se enquadra num gênero ou numa espécie.[9]** Ora, se fosse a matéria o princípio de especificação, todos os entes compostos de matéria e forma seriam da mesma espécie, hipótese excluída por ser absurda. Pelo mesmo motivo não pode a privação — que é um dos princípios da natureza — ser chamada de princípio de especificação, porque é impossível classificar como pertencente a uma espécie o que é, em si mesmo, privação de quaisquer propriedades substanciais.

Abra-se um breve parêntese para dizer que **o conceito de *espécie* é, aqui, arrolado em sua concepção metafísica, e não de acordo com a taxonomia da biologia atual**. Esta concebe a espécie como unidade básica na classificação dos seres vivos, embora não haja um consenso absoluto com relação a tal definição, que todavia é largamente aceita.

Assim, para a biologia há:

- Domínio
- Reino
- Filo
- Classe
- Ordem
- Família

- Gênero

- Espécie

Diga-se, em princípio, que **esse modo de classificar as espécies, embora bastante útil para os fins a que se destina a ciência biológica, é entrópico por natureza**, na medida em que tende a aumentar em progressão geométrica o número de espécies a partir de pequeníssimas diferenças. Para ter-se idéia disto, há hoje aproximadamente 180.000 espécies de lepidópteros (borboletas e mariposas),**[10]** distribuídas por 127 famílias. Algumas dessas espécies são classificadas a partir de meras diferenças materiais, mas não formais; outras, sim, têm diferenças quanto ao *modus operandi* que, para a metafísica, justificariam uma classificação como espécies distintas. Não se quer com isto afirmar que a taxonomia biológica é inválida, mas apenas mostrar que o âmbito no qual os seus conceitos se formulam não serve para os problemas radicais com que lida a metafísica.

A propósito, a metafísica, cujas considerações são *anteriores* às da biologia, tem uma classificação distinta das espécies. Para ela, **espécie é o que radica na forma**, e portanto em um modo próprio (e único!) de operar. E com o vocábulo "próprio" referimo-nos a um dos cinco predicáveis aristotélicos, ou seja, às propriedades que, não sendo a essência de um ente, estão no entanto associadas inextricavelmente a ela. Não se trata, pois, de propriedade enquanto *comportamento* de uma classe de indivíduos numa espécie, mas sim de algo anterior: o estatuto ontológico da espécie, que inclui todos os seus predicamentos.

Convém também destacar que, na ordem do ser, nem toda potência radica na matéria, mas toda matéria implica potência. Diga-se, neste contexto, que **a potência é o fundamento real do devir**, pois todos os sujeitos do movimento pressupõem ou: ***a)*** predisposição ontológica da matéria para a mudança (*potência passiva*); ou ***b)*** capacidade da forma para atuar sobre a matéria e sobre outras formas (*potência ativa*).

Não é evidentemente o propósito deste breve texto abarcar todo o escopo do conceito de potência, que é imenso, mas apenas destacar alguns aspectos da natureza do ente para mostrar a impossibilidade de um movimento evolutivo de uma espécie a outra, na medida em que **as espécies não têm potências ativas nem passivas para transcender as formas que as distinguem**, pois, como dizia Aristóteles, "todo devir é algo, de algo e por algo",**[11]** e o papel da forma é justamente o de ser *algo* (princípio de especificação) e o ser *por algo* (princípio de operação), ao passo que a matéria é o *de algo* — substrato da ação da forma (nos entes compostos de matéria e forma).**[12]**

A forma como princípio de inteligibilidade

Outra característica da forma é ser *princípio de inteligibilidade*, pois "todas as espécies inteligíveis são a forma do intelecto quando intelige em ato".**[13]** **Um ente sem forma seria, portanto, ininteligível**, e a razão disso é a seguinte: embora as formas inteligíveis sejam em si mesmas *imateriais* (no caso dos homens, porque abstraídas das notas individuantes da matéria pelo

intelecto agente), elas na verdade estão nas coisas como princípio operativo e de especificação, como vimos acima.

É em parte graças à existência de tais princípios formais impressos em todos os entes que o intelecto entende as coisas e as classifica, e, como veremos adiante, a classificação metafísica das espécies — devido aos princípios universais de que parte — leva necessariamente a concluir *contra* a teoria da evolução.

Quando, pois, Tomás de Aquino afirma que "o intelecto se faz inteligente mediante um inteligível em ato" (cf. *Liber de Causis*, lec.3), está referindo-se às formas como princípio *por meio do qual* o ser nos é inteligível.

(continua)

P.S. É verdade que, nos últimos anos, a Igreja, pela voz de algumas de suas autoridades (a começar pelos Papas), vem dizendo que não há contradição entre criação e evolução — evitando assim ferir susceptibilidades da mentalidade anticriacionista predominante, sobretudo no mundo ocidental. E até mesmo no seio do tomismo há quem implicitamente defenda esta tese a partir de alguns princípios colhidos em livros como o *De mixtione elementorum* e o apócrifo *De natura materiae*.

Mas deixaremos a análise de alguns de seus argumentos para o final desta pequena série.

1- "Quando uma coisa recebe parcialmente o que pertence a outra absolutamente, diz-se que é *partícipe*. Por exemplo: se diz que o homem *participa* da animalidade porque não exaure o conceito de animalidade em toda a sua extensão. Pela mesma razão se diz que Sócrates *participa* da humanidade". **Tomás de Aquino**, *In De Hebd.*, lec.2, n.24. Pelo que se depreende desta passagem, **ser partícipe é possuir uma perfeição que se encontra em outro (seja um indivíduo ou uma espécie) de forma mais perfeita e/ou completa**. Assim, o calor que há em cada planeta do nosso sistema solar *participa* do calor do sol; os modos e os graus de entidade que há nos entes *participam* do entidade suma do Próprio Ser; etc.

2- A propósito, a conciliação da metafísica do ato e da potência de Aristóteles com a doutrina da participação em Platão é um aspecto da síntese magistral feita pelo Aquinate entre os dois gênios gregos.

3- Cf. **Tomás de Aquino**, *In II De Cael* 4, n.334.

4- A referência aqui é, evidentemente, aos entes compostos de matéria e forma. Não tratamos aqui das substâncias separadas da matéria: os Anjos.

5- Tomás de Aquino, *De principiis naturae*, I, 2-3.

6- Tomás de Aquino, *De principiis naturae*, I, 4.

7- *Idolum*, no latim. Apenas para facilitar a compreensão do texto do Aquinate, neste artigo traduzimos o vocábulo por "estátua", e não por "ídolo".

8- Tomás de Aquino, *De principiis naturae*, I, 4.

9- Tomás de Aquino, *Contra Gentes*, II, c 7.

10- A borboleta, por exemplo, pertence ao **reino** animal; ao **filo** *antrophoda*; à **classe** dos insetos; à **ordem** dos lepidópteros; e à **família** papilionoidea.

11- Aristóteles, *Física*, I, 8, 191b

12- Nos entes sem composição de matéria (os Anjos), a matéria não pode ser o fundamento real do devir.

13- Cf. **Tomás de Aquino**, *Subst. Sep.* , c16.

Postado por Adm. às 05:09

Postagem mais recente Página inicial Postagem mais antiga

Tema Simples. Tecnologia do Blogger.